



As pichações na cidade de Bauru/SP: uma análise das inscrições nas regiões da Vila Perroca e Vila Noemy

Graffiti in the city of Bauru/SP: an analysis of inscriptions in the Vila Perroca and Vila Noemy areas

Vinicius Gonçalves Freneda¹

Resumo

As pichações, bem como as diferentes culturas artísticas de rua, estão presentes em grande parte do cenário contemporâneo urbano mundial. Palco de importantes discussões, conta com distintas perspectivas quanto à sua legalidade e reconhecimento artístico. A necessidade inata ao ser humano de se expressar durante toda a história da humanidade é observada nos registros encontrados em cavernas, muros e nos cenários públicos em geral; manifestações que buscam se comunicar com a sociedade ou com algum grupo específico. Ao considerar esta motivação, o objetivo deste trabalho é analisar os tipos de expressões encontradas cidade de Bauru por meio das pichações encontradas nas Vila Perroca e Vila Noemy, locais onde essas ocupam parcela importante da paisagem, colaborando também com a disponibilização das imagens através de um perfil no Instagram. Além disso, busca-se caracterizar seus propósitos e estéticas através da observação dos próprios registros.

Palavras-chave: Pichação; Bauru; Manifestação; Cultura; Arte

Abstract

The pichações, as well as different street artistic cultures, are present in much of the contemporary global urban scene. The stage for important discussions, it has different perspectives regarding its legality and artistic recognition. The innate need for human beings to express themselves throughout the history of humanity is observed in records found in caves, walls and in public settings in general; manifestations that seek to communicate with society or with a specific group. When considering this motivation, the objective of this work is to analyze the types of expressions found in the city of Bauru through the pichações found in Vila Perroca and Vila Noemy, places where these occupy an important portion of the landscape, also collaborating with the availability of images

¹ Graduando do 4º ano de História do Unisagrado. Artigo realizado sob a orientação dos professores Drs. Lourdes M. G. C. Feitosa e Roger M. M. Gomes, para as disciplinas de Metodologia da Pesquisa em História e História Contemporânea.



through an Instagram profile. Furthermore, we seek to characterize their purposes and aesthetics through observation of the records themselves.

Keywords: Pichação; Bauru; Manifestation; Culture; Art

O homem é um ser que tem em si a necessidade de se expressar, tendo em vista suas realizações ou adversidades que ocorrem nos âmbitos da sua vivência em sociedade, este, carece de explicar suas emoções, dificuldades ou reivindicações àqueles que se encontram próximos. Dessa forma, se vê durante toda a história da humanidade a presença dessa demanda interior que em várias situações resultam em uma forma de arte ou resistência, que pode ser entendida de distintas maneiras conforme o decorrer dos anos e a mentalidade de cada época. (Altamirano, 2017, p.1)

Tendo em vista tais premissas, compreendemos que não apenas nos dias atuais se contemplem as inscrições de palavras, desenhos e nomes nos muros, casas e edifícios nos horizontes das cidades ou em qualquer localidade que tenha vivência humana. Sendo assim, momentos simbólicos da história da humanidade ficaram marcados por tais inscrições, como destacado por Altamirano:

Como exemplos emblemáticos, podemos citar as escritas encontradas nas paredes da cidade de Pompeia, na Itália, datadas dos primeiros séculos antes de Cristo, as mensagens deixadas por militares da primeira e segunda Guerras Mundiais em território de combate, os jovens nova iorquinos que escreveram despreziosamente seus nomes pela cidade que iria torna-se referência mundial no campo da arte urbana. (Altamirano, 2017, p.2)

As pinturas rupestres são, até onde conhecemos, a forma de arte circunscrita mais antiga da história. A Arte Rupestre é encontrada nas paredes de cavernas, grutas ou em estruturas em vários lugares do planeta, estando presente ali desde os primórdios da humanidade. É principalmente através dessas inscrições que podemos ter ciência dos costumes, bem como da cultura de diferentes períodos da história do homem. Sendo assim, é por meio do trabalho de arqueólogos, paleontólogos e historiadores que tal tipo de pesquisa é desenvolvido. (Marques, 2016, p.22)

Esse tipo de pintura carrega consigo entraves no que se refere ao seu reconhecimento artístico, pois ainda não se tem conhecimento necessário para estabelecer



qual a finalidade desses atos ou o porquê esses homens eram motivados a essas práticas. Neste caso, duas perspectivas principais são ressaltadas. A primeira delas, o real entendimento como arte, tendo sua emancipação artística a partir de sua estética. E a segunda, a interpretação fundamentada no que concerne o sagrado, onde tais manifestações vinculariam o homem ao sobrenatural. (Viana *et al.*, 2016)

A Arte Rupestre também possui seu espaço no território brasileiro, estando presente em todo o país. Seus registros mais famosos se encontram no Parque Nacional da Serra da Capivara e no Parque Nacional Sete Cidades, onde está localizado as inscrições mais antigas, ambos circunscritos no estado do Piauí. (Marques, 2016, p.25)

As motivações, inquestionavelmente, devem ser estudadas e refletidas, pois demonstram diversos aspectos culturais, bem como características individuais dos diferentes povos a serem analisados. Porém, o cerne da questão é que se observa na história da humanidade a carência por evidenciar suas crenças ou expressar suas demandas e necessidades. Neste sentido, pode se estabelecer uma relação entre os antigos seres humanos que viam no seu interior o desejo de manifestar suas premências com os indivíduos contemporâneos que atualmente realizam suas formas de arte também nos muros, compreendendo assim os grafites, lambe-lambes, *stickers art* e as pichações, onde concerne o ponto principal deste trabalho.

Quando coloca-se em pauta as pichações brasileiras, é impossível não relatar aquelas provindas da década de 1960, período de grandes transformações sociais e políticas no país. Naquele momento, surge o emblemático “Abaixo a Ditadura”, que segundo o site da organização “Memórias da Ditadura”, visa difundir os conteúdos acerca do período ditatorial militar brasileiro (1964-1985) e inaugura a pichação política no Brasil. Essa passará por modificações estéticas, visto que eram realizadas de maneira simplória e com caligrafia comum, devido a necessidade de rapidez para fugir da repressão policial (Memórias da Ditadura).

Neste sentido, entende-se que a pichação já é uma realidade do cenário urbano contemporâneo e faz parte não somente da paisagem, mas também da realidade das pessoas que acessam tais localidades. Aqui a pichação é concebida como fator fundamental na construção social e política na sociedade contemporânea, visto que se faz presente nos espaços públicos e considera-se a relevância desta no que concerne às



críticas sociais, demandas de grupos minoritários e também às representações artísticas presentes em nosso corpo social.

O LOCAL

Bauru é um município brasileiro localizado no interior do estado de São Paulo, estando a aproximadamente 325km de sua capital. Segundo dados do IBGE (2021), possui população estimada em 381.706 pessoas. Conhecida como a “cidade sem limites”, Bauru, se enquadra hoje como cidade de porte mediano de acordo com os mais de 360mil habitantes. (Galvani, 2020, p.20 *apud* Sobreira, 2016, p. 60)

Sendo assim, delimitei a área a ser analisada por este artigo de acordo com as questões que antes por mim foram levantadas. Tenho como objetivo neste artigo analisar a concepção dos elementos que envolvem a pichação na cidade de Bauru, considerando como base a região estabelecida pela proposta do tema. Nesse sentido, é necessário a conceituação do ato da pichação na cidade, ou seja, diferenciando-a das diferentes representações artísticas dos movimentos de rua, principalmente aquelas que se assemelham a tal. Desse modo, distinguir o grafite, a pichação e a pixação é importante para o desenvolvimento da pesquisa, visto que outras questões além do “erro” gramatical são levantadas quando abordados tais conceituações. Para embasar tais concepções, utilizarei autores como Pereira (2005), Caldeira (2012), Pisauro (2011), Altamirano (2017) e Leal (2022). Além destes, também serão contempladas as leis referidas que proíbem os atos de pichações no município de Bauru/SP.

Ademais, estética e os propósitos da pichação são elementos de difícil compreensão e muitas vezes tidos como inconvenientes aos olhos da população em geral. Dessa maneira, entendo necessário essa abordagem quanto a estética da pichação bauruense e as ligações e influências partidas da capital do estado, salientando também os seus propósitos nessas áreas antes mencionadas.

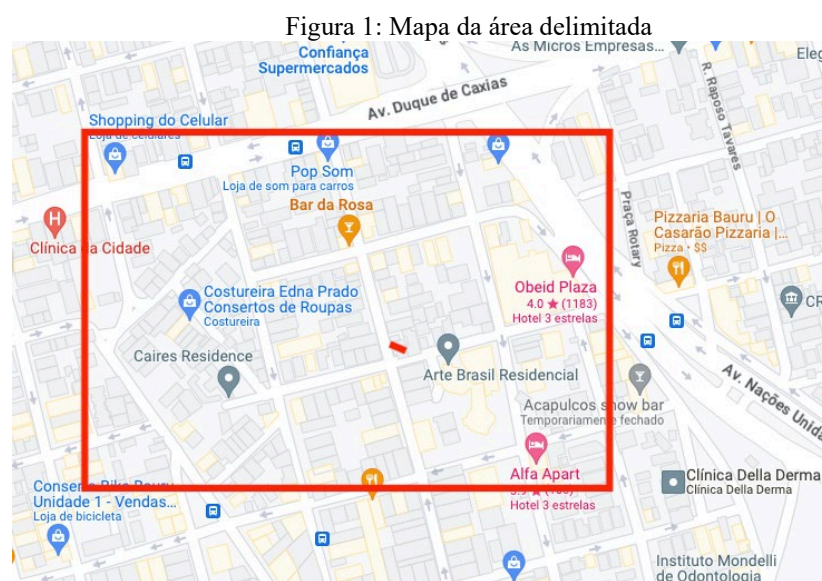
Tais questões ficam evidentes quando se coloca em pauta o motivo da escolha de delimitação regional. A Vila Perroca e Vila Noemy são regiões onde são presentes vários edifícios, a maioria residenciais, sendo boa parte composto por cidadãos de classe média alta da cidade. Além disso, nesta localidade vê-se a forte presença de bares, onde, no período noturno, há grande trânsito de pessoas, tanto nas ruas quanto nos



estabelecimentos ao redor. É importante salientar que se trata de bares frequentados majoritariamente por grupos de jovens, que se reúnem principalmente nas ruas ao entorno.

Outro fator importante da região é a presença de duas avenidas fundamentais para o acesso ao centro e bairros da cidade, sendo elas a Avenida Nações Unidas e também a Avenida Duque de Caxias. Há também nas ruas próximas estabelecimentos comerciais, como supermercados, farmácias, lanchonetes, etc. Neste sentido, a volumosa circulação de pessoas, em especial a juventude, no período noturno, faz dessas áreas grandes alvos das manifestações artísticas, dentre elas as pichações.

Na imagem abaixo (Figura 1), podemos compreender como é a região do artigo, bem como entender os locais principais e as avenidas mencionadas. A delimitação da área é de acordo com as linhas vermelhas presentes na imagem.



Fonte: Google Maps

Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-22.3296247,-49.062875,17z?entry=ttu>

Para alcançar os objetivos estabelecidos neste artigo serão analisadas as pichações nas regiões selecionadas, na cidade de Bauru. Para contemplar estas manifestações presentes no âmbito público do local, serão realizadas fotografias autorais que auxiliarão no entendimento e na análise. Além disso essas imagens que estarão presentes no corpo do texto estarão disponíveis em uma página no Instagram, onde compreendo a



necessidade do registro levando em conta a fragilidade desta fonte, vulnerável à cobertura por tinta ou à própria degradação ocasionada por circunstâncias naturais. Ademais, revisões bibliográficas serão realizadas, pois servirão de forma importante para a sustentação dos argumentos apresentados no artigo.

GRAFITE, PIXAÇÃO E PICHAÇÃO

Quando abordado o tema de iconografias da cultura de rua (conhecida também pelo nome de *street art*), há uma série de questionamentos e discussões acerca de onde “nasce” o conceito de uma e se finaliza o de outra. No conhecimento geral, algumas dessas se sobressaem, o grafite a pichação e a pixação. Porém, é relevante mencionar que atualmente temos diversas outras manifestações artísticas entendidas e relacionadas como integrantes da cultura de rua, entre elas o “lambe-lambe”, os *stickers art*, etc. Neste artigo é trabalhado especificamente a distinção entre o grafite, a pixação e a pichação, pois vemos ser necessário essa primeira apresentação para a continuação dos temas a serem elaborados.

Sendo assim, segundo Caldeira:

Embora tanto o grafite como a pixação sejam gestos transgressivos e tenham origens similares, e muitos de seus praticantes adotem ambos os estilos, trata-se de modalidades distintas de intervenção no espaço público, e a tensa coexistência delas é um traço peculiar (...) (Caldeira, 2012)

Como observa o autor, há dificuldades de fazer uma conceituação precisa da pichação no que concerne seu entendimento artístico, visto que não está em concordância com a definição legal brasileira. Porém, independente do caráter transgressivo que envolve toda a cultura da pichação, é vista por muitas pessoas através de uma perspectiva artística genuína, a qual possui estética e motivações definidas. Para autores como Andréa Tavares, trata-se de “manifestações intra/entre/sobremuros que nomeiam brechas na realidade” (Tavares, 2010, n.p)

Quando pautado sobre o grafite e a pichação, encontra-se muitas diferenças, de acordo com sua estética, materiais utilizados e até mesmo o modo de execução. Porém,



semelhanças no tocante a motivação de ambos é interessante ser analisada, como afirma Pizzinato, Tedesco e Hamann (2017):

(...) tanto a Pichação quanto o Grafite figuram especialmente dentro das grandes cidades e encontra-se em interface com os processos tradicionalmente relacionados à urbanização contemporânea: relações pautadas por velocidade, comunicação em massa e atravessamentos do capital. (Pizzinato, Tedesco, Hamann, 2017)

Dessa forma, entende-se a pichação distinta do grafite, pois tem como objetivo marcar “as cidades com frases de protesto ou insulto, assinaturas pessoais, declarações de amor ou como forma de demarcação de territórios entre grupos, às vezes gangues rivais” (Pisauro, 2011, n.p).

Já quando mencionamos acerca do grafite, atualmente, estamos adentrando outras realidades, compreendendo esse ato como “uma outra forma de inscrição ou desenho, tida no Brasil como artística” (Pisauro, 2011, n.p).

O fato é que a distinção entre o grafite e a pichação já se tornou, na realidade atual da sociedade brasileira, quase que um senso comum, onde o grafite possui coloração e conta com figuras animadas e a pichação é monocromática, desprezível e ilegal, se tornando basicamente uma discussão entre o “belo e o feio”.

A maior dificuldade de compreensão dentre esses conceitos apresentados está disposta na relação entre pichação e pixação. Essa diferenciação ao entorno das nomenclaturas utilizadas vai adiante de apenas o erro na gramática à norma padrão da Língua Portuguesa, se tornando cenário de profundas discussões. Para Alexandre Barbosa, “a pixação com “x” expressaria o modo que se apropriam da cidade, que não teria relação com os significados apontados por dicionário à palavra pichação” (Pereira, 2018, p.19).

Já para autores como Leal (2022):

(...) para os pixadores, a grafia com “x” nomeia não apenas a prática de fazer inscrições, mas também maneiras de ser e fazer; já a grafia com “ch” tem um caráter coletivizador e homogeneizador, visto que abarca um conjunto diverso de intervenções visuais urbanos, como aquelas de cunho poético e político. (Leal, 2022)



Sendo assim, compreende-se a pichação como pertencentes majoritariamente ao denominar grupos, ou seja, que contemplem outros integrantes, tornando-se não apenas um ato, mas sim uma espécie de estilo de vida de alguns indivíduos, no qual o seu ato seria denominado “pixo”. Esses conceitos, embora não encontrados no dicionário oficial da Língua Portuguesa, tornaram-se expressões significativas na tentativa de abordar essas formas singulares de intervenção no espaço urbano contemporâneo.

Tais afirmações são de extrema importância pois nos auxiliarão a nos localizar durante o artigo. Dessa forma, utilizaremos o conceito de “pichação” no decorrer do texto.

LEI E A PICHACÃO

Como já mencionando no decorrer deste trabalho, o grafite, diferente da pichação, em várias situações já conta com corroboração popular e muitas vezes das próprias instituições, sejam elas públicas ou privadas. A lei vigente na cidade de Bauru demonstra mais uma vez a desigualdade de tratamento com cada uma dessas manifestações.

Poderão o Poder Público municipal e iniciativa privada criarem ou indicarem locais públicos e/ou particulares como forma de fomentar manifestações culturais artísticas públicas de "grafitagem". (Bauru(SP), 2014, p.2)

Porém, quando abordado acerca da pichação, a lei atribui outra conotação, sendo esta reputada à sujeira e degradação do espaço urbano, não contando com qualquer tipo de diálogo entre os pichadores, a população e o poder público. Com isso, segundo a lei em vigor no município, “todo e qualquer ato de pichação impetrado contra o patrimônio público ou de terceiros sujeitará o seu causador a sanção pecuniária (multa) e demais cominações aduzidas nesta Lei” (Bauru(SP), 2014, p.1)

Além do mais, o mesmo documento objetiva desenvolver melhor comunicação entre a população e os órgãos responsáveis no tocante à apreensão desses indivíduos, para que dessa forma sejam eficazes no combate a pichação, posto isto:

(...) Município poderá manter serviço telefônico (Disque Pichação) à disposição da comunidade, a ser operacionalizado pela Guarda Municipal, quando existir, Atividade Delegada, se houver convênio ou por meio de



parceria com a Polícia Militar, ou a uma Diretoria Municipal existente. (Bauru(SP), 2014, p.2)

Essa perseguição aos pichadores, que conta até mesmo com o auxílio dos populares, tem como penalidade a aplicação de multas, podendo ser dobrada em caso de reincidência e também limpeza do local onde ocorreu a pichação autuada. (Bauru(SP), Lei N° 6.606, 2014)

BAURU E A PICHAÇÃO

As regiões demarcadas para a realização do presente trabalho são de relevante tráfego de pessoas, sobretudo aos finais de semana, devido à presença de bares na circunferência, muitos deles frequentados por jovens da cidade. Estabelecendo assim, outra característica notável da pichação, onde se mostra uma prática predominantemente masculina e jovem. (Pereira, 2018, p. 19)

Dessa forma, prevalece neste espaço o tipo de pichação conhecida como *tag reto*, muito usada na pichação da capital do estado e que tem forte influência na estética das pichações nas cidades do interior.

Figura 2 – *Tag Reto*²

² Fotografia da Rua Joaquim Fidelis, quadra 2, realizada em 18/09/2023.



Fonte: Acervo Pessoal

Segundo Altamirano (2017):

(...) segue um estilo conhecido como tag reto, que são as letras retas, alongadas e pontiagudas, como situado anteriormente, que se acredita terem sido inspiradas pelos logotipos de bandas de heavy metal dos anos 80, que, por sua vez, teriam sido inspirados pelo estilo visual da grafia das runas Anglo-Saxônicas. (Altamirano, 2017, p. 8)

O documentário denominado “Pixo” e dirigido pelo jornalista João Wainer, aborda de maneira prática o que significaria a estética do *tag reto* e o surgimento deste tipo de pichação. De acordo com a obra, tal estética estaria ligado aos movimentos Punk, Rock e Heavy Metal do início da década de 80 e estabeleceria uma ligação dessas culturas distintas, resultando em uma junção entre as caligrafias das capas dos álbuns desses gêneros musicais e as pichações. (PIXO, 2009, 9:25h)

Figura 3 – Iron Maiden-Killers (1981)



Fonte: Rádio Rock

Disponível em: <https://www.radiorock.com.br/2021/02/02/iron-maiden-album-killers-completa-40-anos-de-seu-lancamento/>

Figura 4 – The Exploited - Let's Start a War (1983)



Fonte: Collectors Room

Disponível em: <https://www.collectorsroom.com.br/2018/06/review-exploited-lets-start-war-said.html>

Sendo assim, encontra-se nas pichações, além de suas caligrafias próprias e a forma única de como preenche a paisagem do espaço urbano, particularidades no que se



refere à maneira em que são apresentadas. Posto isso, é nítido que deve ser realizada de forma que o pichador não seja localizado após o seu ato, tendo que se refugiar por “trás” de sua *tag*, que em suma é a assinatura do pichador. Tal concepção é propiciada pelo seu caráter transgressivo legal que tais manifestações acarretam.

Porém, nessas inscrições podem conter elementos que os distingue e também exaltam além de sua *tag*, a região onde vivem, a data de execução da pichação, bem como o nome de seu grupo.

Figura 5 – Pichações e suas características³



Fonte: Acervo pessoal

Na imagem acima, pode-se ver várias de pichações, às quais carregam consigo um vasto acervo de informações. Sendo assim, prevalecem nas pichações alguns temas que dialogam com a imagem estabelecida acerca de tal ato. Ou seja, as temáticas abordadas, sejam elas na própria *tag*, na realização de desenhos ao redor ou na denominação de grupos, são por várias vezes ligadas “às ideias de sujeira, criminalidade, marginalidade, transgressão, drogas e loucura” (Pereira, 2018). Segundo Teresa Caldeira, “tais nomes

³ Fotografia da Rua São Gonçalo, quadra 5, lado esquerdo, realizada em 18/09/2023.



reafirmam a estigmatização como modalidade de intervenção urbana, uma prática igualmente comum no rap” (Caldeira, 2012).

Para isso, instituí indicativos na imagem que auxiliarão na melhor compreensão de tais aspectos. Dessa forma, podemos conceber que as pichações ali executadas provêm de diferentes localidades, as quais são da origem de tais pichadores (indicadores amarelos⁴), sendo de zonas da cidade ou até mesmo de cidades próximas à cidade de Bauru. Da mesma forma, também é possível identificar os períodos em que tais inscrições foram realizadas (indicadores vermelhos⁵). Outro aspecto muito comum dessa prática é o desenvolvimento de grupos (indicadores azuis⁶) “baseados em um forte sentimento de coesão interna e lealdade, e que frequentemente se desentendem com outras turmas em disputas por espaços e reconhecimento” (Caldeira, 2012, n.p)

A formação desses grupos é relevante no que concerne a proliferação das pichações e também na amplificação da difusão de suas inscrições, ou seja, com um maior número de pichadores executando inscrições iguais ou citando a nomenclatura do grupo após sua *tag* individual, mais localidades serão abrangidas. Neste sentido, caracterizamos o fator “motor” da pichação, a busca pelo reconhecimento, principalmente para com aqueles que fazem parte desse mesmo movimento. (Pixo, 2009).

De acordo com Marcelo Perini, “pra eles o que importa é a fama, o “ibope”, como eles mesmo dizem, buscam visibilidade, portanto, tanto no espaço público como na mídia.” (Cunha, 2019)

A busca pelo reconhecimento no contexto da pichação pode ocasionar disputas acirradas quanto aos locais e espaços mais desejados, ou seja, àqueles onde há maior circulação de pessoas e dificuldade de acesso para pichar. Além disso, alguns grupos ou pichadores individuais possuem desavença com grafiteiros ou mesmo com o ato do grafite. Conforme Teresa, "tais conflitos com frequência resvalam para a violência e as brigas físicas, ou podem levar aos "atropelos", a prática de pintar sobre as pichações e os grafites alheios.” (Caldeira, 2012)

⁴ ZN – Zona Norte; ZO – Zone Oeste.

⁵ 2023.

⁶ Nome e sigla do grupo “Os fede tinta”.



Figura 6 – “Atropelo”, pichação sobre grafite⁷



Fonte: Acervo Pessoal

Na imagem acima, exemplificação de “atropelo”, onde há uma pichação protestando por respeito por cima de um grafite, o qual foi feita por um famoso muralista da cidade de Bauru. Essa expressão é utilizada no meio dos pichadores simbolizando uma espécie de agressão à outra manifestação, seja ela uma pichação, um grafite, etc. Além disso, os “atropelos” também podem ser realizados por turmas rivais, as quais têm a intenção de diminuir a quantidade de pichações de seus adversários, causando muitas vezes um ambiente de conflitos.

Tal imagem demonstra de forma objetiva as disputas desses indivíduos acerca da apropriação do espaço e da paisagem urbana contemporânea no município em questão.

A EFEMERIDADE DA PICHAÇÃO

Durante o período da pesquisa em que realizei para execução deste trabalho, me deparei com uma questão muito pertinente no que concerne a pichação em si. Compreendi nesse processo o teor efêmero que está contemplado em tal ato, pois ao me deparar com

⁷ Fotografia do pontilhão da Duque de Caxias sobre a Avenida Nações Unidas, realizada em 18/09/2023



alguns muros que sofreram a degradação natural ou algum tipo de ação antrópica, defrontei-me com os desgastes das fontes que por mim seriam analisadas. Além disso, pichações que seriam retratadas aqui, por questão de dias foram apagadas e concederam espaço para uma nova camada de tinta.

Figura 7 – Manifestação frágil⁸



Fonte: Acervo pessoal

Nesta imagem, é nítido a quantidade de inscrições apagadas pelo tempo e pelas condições naturais, tanto o sol quanto a chuva, fazendo com que houvesse uma degradação da tinta.

Além disso, no decurso do trabalho presenciei essa vulnerabilidade de forma próxima, identificando entre poucos dias o desaparecimento das fontes através da derrubada de uma das casas da região. A residência estava localizada na Rua Padre João, lugar onde foi fotografado a primeira imagem (Figura 8), realizada no dia 12/08/2023, a qual contava com diversas assinaturas de pichadores (*tags*), bem como a inscrição de um grupo. Porém, quando retornei ao mesmo local, no dia 15/10/2023, data da segunda imagem (Figura 9), já não havia os muros e as pichações, caracterizando mais uma vez o caráter efêmero intrínseco à pichação.

⁸ Fotografia da Rua São Gonçalo, quadra 5, lado direito, realizada em 18/09/2023.



Figura 8 – Pichação antes da ação antrópica



Fonte: Acervo pessoal

Figura 9 – Pichação após ação antrópica



Fonte: Acervo pessoal

Essa percepção fomenta ainda mais as discussões no que se refere à pichação e à sua apropriação do cenário urbano contemporâneo, demonstrando seu caráter



momentâneo e instável. Sendo assim, podemos conceber a efemeridade do fenômeno da pichação grafada à tinta e fragilizada no horizonte do cenário urbano. (Lamberti, 2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da realização deste trabalho, destacou-se as características presentes na pichação da cidade de Bauru. Por meio do uso da pichação como fonte é possível se desvencilhar do entendimento de senso comum, que a define apenas como “sujeira e degradação”, excluindo o seu caráter reivindicatório e protestante. Com isso, compreendeu-se ser necessário o fomento de discussões acerca desse tipo de manifestação.

Durante o período de realização da pesquisa, teve-se contato com as pichações e como elas estão dispostas no cenário do município. Sendo assim, pode-se compreender a dificuldade de se encontrar esse tipo de fonte, levando-se em conta a efemeridade da pichação, como trabalhada no decorrer deste artigo. Por isso, foi desenvolvido, de maneira simples e objetiva, um perfil na rede social Instagram, denominada “Os muros de Bauru”, o qual contará com fotografias das pichações do cenário urbano do município.

Figura 10 – Os Muros de Bauru



Fonte: Acervo pessoal

O seu propósito é cooperar para o registro e perpetuação dessas pichações, além de também contribuir para o fomento de discussões acerca da ligação entre as antigas



inscrições e as mudanças ocorridas nas pichações na conjuntura urbana da cidade de Bauru.

Referências:

ALTAMIRANO, Micaela. **Por uma estética da diversidade:** a pichação de São Paulo como estratégia de sobrevivência social. ASSIBERCOM Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017. Encontrado em: academia.edu. Acesso: 16 de abril de 2023.

CALDEIRA, T. P. DO R. **Inscrição e circulação:** novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. Novos Estudos - CEBRAP, n. 94, p. 31–67, nov. 2012.

VIANA, V. et al. **ARTE RUPESTRE.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VERBETE%20ARTE%20RUPESTRE%20-%20pronto%20pdf.pdf>>. Acesso: 20 de jun. de 2023.

MARQUES, C. A ARTE RUPESTRE. **MONÇÕES Revista do Curso de História da UFMS/CPCX**, v. 3, n. 4, 16 abr. 2016.

Pichação “Abaixo a ditadura” (1968). Disponível em: <<https://memoriasdeditadura.org.br/obras/pichacao-abaixo-ditadura-1968/>>.

GALVANI, A. **Vulnerabilidade social na cidade de Bauru:** uma análise de dados em dashboard. Repositorio.unesp.br, 7 ago. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama cidades: população.** Bauru: IBGE, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bauru/panorama>



PEREIRA, A. B. **De rolê pela cidade:** os pixadores da cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado em Antropologia. São Paulo: FFLCH-USP, 2005.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-22.3296247>>. Acesso em: 6 jun. 2023.

TAVARES, A. Ficções urbanas: estratégias para a ocupação das cidades. **ARS** (São Paulo), v. 8, n. 16, p. 21–30, 2010.

PIZZINATO, Adolfo; TEDESCO, Pedro C.; HAMANN, Cristiano. **Intervenções visuais urbanos:** Sensibilidade(s) em arte, grafite e pichação. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/9knYKjyfyhgmLCDVHkbxz8q/?lang=pt>. Acesso em: 06 de jun de 2023.

LEAL, G. P. DE O. Ocupando o cubo branco: reflexões sobre a entrada da pichação no mundo da arte. **Revista de Antropologia**, v. 65, p. e197969, 21 jun. 2023.

PISAURO, Valéria. **Pichação, Pixação ou Pixo?**, Artigo publicado no Valiteratura, 2017. Encontrado em: <http://valiteratura.blogspot.com/2011/01/pichacao-pixacao-ou-pixo.html>. Acesso: 20 de jun. de 2023.

BAURU(SP). Prefeitura Municipal de Bauru. **Lei Orgânica do Município de Bauru nº 6.606, de 25 de novembro de 2014.** Dispõe sobre o Programa de Prevenção e Punição a Atos de Pichação nos Bens Públicos e de Terceiros no âmbito do Município de Bauru e autoriza o Município a criar o Disque Pichação, linha telefônica que recebe denúncias sobre pichadores e suas ações. Disponível em: https://sapl.bauru.sp.leg.br/pysc/download_norma_pysc?cod_norma=10854&texto_original=1. Acesso em: 17 set. 2023.

PIXO. Direção: João Wainer, Roberto T. Oliveira. São Paulo: Sindicato Paralelo Filmes, 2009. Cor. 61min. Documentário. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=skGyFowTzew&t=2622s>>. Acesso em: 12 set. 2023.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Um Rolê pela cidade de riscos:** leituras da pichação em São Paulo. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

CUNHA, Marcelo Perini Peralta. O pixo como ato político. **Universidade Federal de Goiás**, [S. l.], p. 1-145, 25 abr. 2019.



LINK, G. et al. **Review: The Exploited - Let's Start a War ... (Said Maggie One Day) (1983)**. Disponível em: <<https://www.collectorsroom.com.br/2018/06/review-exploited-lets-start-war-said.html>>. Acesso em: 20 set. 2023.

LAMBERTI, R. S. Pixo, logo existo: vozes de pixadores da cidade de São Paulo. **Repositório PUCSP**, 2018 Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21582>. Acesso em: 20 de jun. de 2023.